

'Ganância, medo e ignorância dirigem mercado'

Economia · Brasil

Joedson Alves/AE

Nos EUA, ministro Pedro Malan tenta acalmar investidores quanto à mudança de governo

FERNANDO DANTAS
Enviado especial

WASHINGTON – O ministro da Fazenda, Pedro Malan, depara-se ontem com uma tarefa quase inversa à que se dedicou nos últimos anos: a de mostrar para os investidores internacionais e analistas de bancos de investimentos que, com todas as promessas de mudança de modelo, um eventual governo de Luiz Inácio Lula da Silva vai manter as linhas básicas da política econômica de Fernando Henrique Cardoso.

Malan referiu-se várias vezes à "ignorância" do mercado sobre os detalhes da situação brasileira, quando respondeu à desconfiança de um seletivo grupo de analistas de Wall Street. O embate aconteceu no seminário "América do Sul: Recuperação, quão rápido, quão forte", promovido pelo Banco Mundial, na programação paralela à reunião anual da instituição e do Fundo Monetário Internacional (FMI).

"Tem algo que aprendi há muitos anos, que os mercados são dirigidos por uma combinação de ganância, às vezes uma ganância infeciosa, como nos disse o senhor Alan Greenspan (presidente do Fed, banco central americano); pelo medo, às vezes por um medo contagioso, como estamos observando agora; e ignorância, nunca uma ignorância contagiosa; apenas, felizmente, um pequeno ní-

vel de ignorância, porque existem analistas muito sofisticados entre os participantes do mercado", disse Malan.

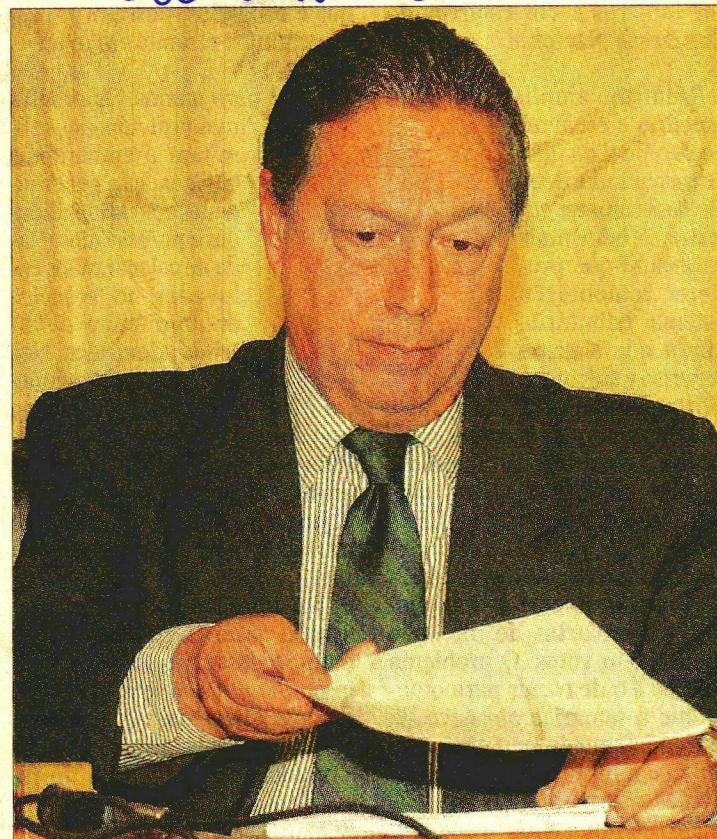
O Brasil não vai quebrar, segundo Malan, porque há um consenso em torno da estabilidade fiscal, do controle da inflação e do respeito aos contratos internos e externos; porque os candidatos têm demonstrado alto nível de maturidade política e racionalidade econômica; porque o aumento da produtividade está na raiz do aumento do superávit comercial e da redução do déficit em conta corrente este ano; porque a dívida interna está nas mãos de brasileiros, e é denominada em reais, inclusive a parte indexada ao dólar; porque a dívida pública externa corresponde a apenas 13% do PIB e está bem estruturada; porque a dívida externa privada não é grande em seu conjunto, estando nas mãos de grandes grupos nacionais e internacionais e bancos, e já

vêm sendo pré-paga; e porque a economia brasileira não está presa a uma armadilha de baixo crescimento, como comprovariam a expansão do PIB de 4,5% em 2000 e o bom desempenho desde 1993.

"Não há espaço para aventuras, rupturas ou grandes mudanças", disse o ministro, classificando o nervosismo do mercado como excessivo.

As declarações de Malan esbarraram em uma cortina de ceticismo por parte de analistas de Wall Street, a começar por Leonardo Leiderman, economista-chefe para mercados emergentes do Deutsche Bank, em Nova York.

Comparando o Brasil à Colômbia – onde o Executivo conseguiria aprovar as reformas no Con-



Declarações do ministro Malan esbarraram no ceticismo de analistas

gresso, ao contrário do caso brasileiro, onde o governo tem de fazer "concessões" –, Leiderman fez grandes elogios à capacidade de reação da equipe econômica aos muitos choques internos e externos. Apesar disso, o País não resolveu dois problemas básicos, segundo o economista: a economia não está crescendo, e a relação entre a dívida e o PIB está aumentando.

Paulo Leme, diretor de pesquisa econômica para mercados emergentes do Goldman Sachs, se disse pouco otimista em relação à América Latina, por causa da piora do cenário internacional e da redução da liquidez internacional. Leme defendeu um aumento do superávit primário, e observou que o Brasil sofreu um choque de 5% do PIB no balanço de pagamentos, tendo passado recentemente por um ajuste de 3%.

O questionamento mais instigante, porém, foi de Michael Ga-

vin, economista-chefe de mercados emergentes do banco de investimentos UBS Warburg. Gavin observou que, apesar de todo o empenho de Malan em demonstrar que o próximo governo manterá as bases da política econômica, uma eventual vitória do PT pode sinalizar o contrário – isto é, que a maioria da população quer fortes mudanças. (Colaborou Fábio Alves/AE)